

Educação para a sexualidade e formação inicial docente: um olhar sobre o projeto pedagógico de um curso de Licenciatura em Ciências Biológicas¹

Luciana Aparecida Siqueira Silva²

Mariana de Sousa Araújo³

Resumo: A sexualidade e seus entrelaçamentos com a educação escolar constitui-se como tema de pesquisas, pois a escola é espaço onde discursos sobre sexualidade se organizam e são disseminados. Pesquisas constataam que a educação para a sexualidade, muitas vezes, foi realizada de forma assistemática e descontínua, com abordagem estritamente biológica, ignorando aspectos históricos, sociais e culturais. Docentes relatam dificuldades associadas a conflitos com valores morais, além da falta de preparação mais aprofundada acerca do tema em sua formação. O fragmento da pesquisa aqui apresentado tem como objetivo lançar olhares ao Projeto Pedagógico de um curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, a fim de identificar como o documento contempla questões relativas à educação para a sexualidade. No processo de reformulação do PPC, houve um movimento do Colegiado e Núcleo Docente Estruturante no sentido de oportunizar uma formação de futuros professores de Biologia que contemple aspectos além das características biológicas dos seres humanos.

Palavras chave: educação para a sexualidade, formação docente, currículo

1 pesquisa vinculada ao Grupo de Pesquisa Gênero, corpo, sexualidade e educação – GEPECS vinculado à Linha de Pesquisa Educação em Ciências e Matemática do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

2 Doutoranda em Educação (PPGED/FACED/UFU). Professora de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal Goiano Campus Urutaí.

3 Licencianda em Ciências Biológicas - Instituto Federal Goiano Campus Urutaí.

Introdução

Ao lançarmos olhares para a sexualidade⁴ e sua relação com a Educação, é possível perceber que essa temática “se constituiu numa questão polêmica no espaço escolar e, por longo tempo, os currículos escolares mantiveram-se distantes dessa discussão explicitamente” (FURLANI, 2008, p. 287). No tocante a esse tema, Guacira Lopes Louro chama atenção para um equívoco com que docentes encaram a discussão da sexualidade, ao considerarem que, “[...] se deixarem de tratar desses problemas a sexualidade ficará de fora da escola. É indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria produz” (LOURO, 1999, p. 80-81). Conforme o pensamento de Michel Foucault, a escola foi uma das instituições sociais em que o discurso da sexualidade se organizou e foi disseminado. Ao contrário do que muitos pensam, a instituição pedagógica não silenciou a sexualidade, “ela concentrou as formas do discurso neste tema; estabeleceu pontos de implantação diferentes; codificou os conteúdos e qualificou os locutores” (FOUCAULT, 2007, p. 36).

No entanto, pesquisas do Campo da Educação constataam que a ‘educação para a sexualidade’⁵, muitas vezes, é realizada “de forma assistemática e descontínua, com uma abordagem estritamente biológica, ignorando assim os aspectos históricos, sociais e culturais envolvidos nesse processo em torno da construção de significados” (SOUZA, 2007, p. 5). Convém ressaltar a complexidade que a abordagem do tema exige, associada às lacunas que persistem no tocante à formação docente, havendo uma dicotomia no que tange à educação para a sexualidade na formação de professores. É possível afirmar que, embora seja necessário tratar sobre o assunto, parte dos/

4 A fim de haver uma padronização com relação à terminologia ao longo de todo o texto, serão adotados, conforme propõe Weeks (2018), os seguintes termos básicos: ‘sexo’ refere-se às “diferenças anatômicas básicas, internas e externas ao corpo, que vemos como diferenciando homens e mulheres” (p. 52). ‘Gênero’ descreve “a diferenciação social entre homens e mulheres” (p. 53). E o termo ‘sexualidade’ será adotado como “uma descrição geral para a série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas” (p. 53).

5 Em conformidade com o pensamento de Jane Felipe de Souza, a escolha do termo “educação para a sexualidade (e não educação sexual) é usado aqui para enfatizar uma abordagem mais ampla, com ênfase nos aspectos históricos, sociais e culturais, que extrapolam uma visão meramente biológica, pautada apenas na prevenção” (SOUZA, 2007, p. 32).

as docentes não teve esse contato durante sua formação, sendo comuns relatos vindos desses/as profissionais relativos a dificuldades que, “na fala dos professores, em regra geral, estão associadas ao conflito com valores morais, e, ainda ao argumento de que falta, na formação docente, uma preparação mais aprofundada acerca do tema” (RODRIGUES; COCCO, 2018, p. 2). Diante do exposto, “mesmo os professores que querem trabalhar estes temas em sala de aula sentem-se desamparados pela falta de formação” (FRANÇA; CALSA, 2011, p. 119).

Somando-se às fragilidades na formação docente no que se refere à educação para a sexualidade, destacam-se os movimentos ultraconservadores que têm se fortalecido na contemporaneidade, sendo possível observar que “expressões como ‘identidade de gênero’ e ‘orientação sexual’ aparecem e desaparecem dos documentos oficiais e das políticas públicas em educação, um verdadeiro jogo de esconde-esconde” (SEFFNER, 2017, p. 22). O que prevalece no contexto escolar é um sentimento de insegurança no que se refere à abordagem de tais temáticas, fortalecendo a ideia que legitima a associação da sexualidade exclusivamente “com a reprodução, levando à convicção de que a educação sexual inclui apenas conteúdos afetos à Biologia e à fisiologia do aparelho reprodutor, e, é consequência da negação do sexo como fonte de prazer” (SILVA; SANTOS, 2011, p. 4). Segundo Souza (2007), quando as escolas se abrem para as discussões relacionadas à sexualidade, muitas vezes acabam abordando tais questões a partir do viés biológico e de forma dispersa ao longo do tempo.

Ainda assim, em oposição à realidade que está posta, tem crescido o interesse no âmbito acadêmico, em ampliar e pluralizar debates tão relevantes no contexto escolar, sobretudo no que se refere à formação inicial de professores. Dessa maneira, “a defesa e a introdução do gênero e da sexualidade nas políticas públicas de educação no Brasil passaram a despertar significativo interesse na produção acadêmica” (VIANNA, 2012, p. 128), o que pode impactar positivamente os currículos dos cursos de formação de professores e, conseqüentemente, da Educação Básica. Nesse contexto, em tempos de “multiplicação de contra verdades sobre as sexualidades e os gêneros no Brasil” (SILVA, 2018, p. 3), importa é investigar a formação docente em Ciências Biológicas no que diz respeito à preparação para a abordagem do tema ‘educação para a sexualidade’ e conseqüente inserção das discussões e reflexões nos currículos de formação docente. Nesse cenário, apresentaremos aqui o recorte de um trabalho de conclusão de curso de graduação que investigou os tensionamentos presentes entre estudantes do oitavo período do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do

Instituto Federal Goiano Campus Urutaí (IFGoiano-Urutaí), do ano de 2019, no que se refere à educação para a sexualidade. O fragmento da pesquisa aqui apresentado tem como objetivo lançar olhares ao Projeto Pedagógico do Curso (PPC), a fim de identificar como o documento contempla questões relativas à educação para a sexualidade.

Percurso metodológico e caracterização do universo da pesquisa

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa (LÜDKE; ANDRÉ, 2014), cuja fonte documental foram os PPCs do curso, e com uso de elementos da análise de conteúdo para o tratamento das informações. Para Bardin (2016), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas que visa obter indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção das mensagens.

O universo desta pesquisa foi traçado no Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas IFGoiano- Urutaí, fundado em 2011 e ofertado no período noturno, com duração de oito semestres. Foram identificados dois PPCs que vigoraram no curso, desde sua implantação: o primeiro, datado de maio de 2014 contém as diretrizes para o atendimento aos ingressantes entre 2010 e 2017 (a partir daqui esse documento será intitulado “PPC antigo”). A segunda versão do documento, reformulado em outubro de 2017, entrou em vigor em 2018, para os ingressantes a partir do primeiro semestre deste mesmo ano (doravante intitulado “PPC novo”).

Como termos relacionados à Educação para a Sexualidade estão inseridos nos PPCs do curso?

Foi observado que no PPC vigente para a turma do oitavo período (PPC antigo), não consta nenhum componente curricular e/ou disciplina especificamente relacionada às temáticas que envolvam a sexualidade. Em 2018 entrou em vigor o novo PPC que passou por mudanças, de forma a se adequar à legislação⁶, dentre eles passaram a incluir gênero e sexualidade, com uma disciplina específica intitulada “Relações étnico-raciais e diversidade de gênero no ambiente escolar” ministrada no 7º período, com a seguinte ementa: “Gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais. Impactos desses temas na escola. O papel dos profissionais da educação diante dessas questões (PPC, 2017, p. 98)”.

Foi realizada a leitura flutuante dos dois PPCs que orientaram o curso, a fim de buscarmos como as questões relativas à Educação para a Sexualidade têm sido abordadas pelo documento norteador do funcionamento do curso ao longo de seus dez anos de existência. A partir dessa atividade, foi possível elencar palavras e/ou termos que tenham relação com a Educação para a Sexualidade ao longo dos documentos a partir dos quais o curso se organiza.⁶ Especificamente nesse recorte, em função da limitação relativa ao número de caracteres, apresentaremos os resultados concernentes às buscas pelos seguintes termos: 'sexo', 'gênero', 'educação sexual' e 'educação para a sexualidade', explicitadas por meio do quadro 1.

Quadro 1: Frequência de palavras/termos relativos à sexualidade, nos dois PPCs analisados.

PALAVRAS/TERMOS	PPC antigo*	PPC novo**
Sexo	Três vezes	Duas vezes
Gênero	Uma vez	Quinze vezes
Educação sexual/ Educação para a sexualidade	Nenhuma vez	Nenhuma vez

Fonte: *Projeto pedagógico do curso de licenciatura em Ciências Biológicas (2015);

** Projeto pedagógico do curso de licenciatura em Ciências Biológicas (2017)

Por meio da leitura dos dois PPCs, foi possível identificar que a palavra "**sexo**" é utilizada em ambos os casos, no contexto da constituição biológica dos seres vivos, mais especificamente fazendo referência à determinação genética do sexo, vinculando tal determinação cromossômica a duas possibilidades únicas de expressão do sexo nos seres humanos: masculino e feminino, não fazendo referência a possibilidades outras, como a intersexualidade⁷. Chamamos atenção para o fato de que cerca de 1,7% da população mundial é, de alguma forma, intersexual (FAUSTO-STERLING, 2000), o que

6 "A lei 10.639/2003 estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira em instituições de nível fundamental e médio" (JUNIOR, 2016, p. 43). O PPC antigo seguia suas normas de acordo com esta Lei. Em seguida foi modificada para Resolução Nº 2, de 1º de julho de 2015 que obrigou as licenciaturas a adequarem seus PPCs "as questões socioambientais, éticas, estéticas e relativas à diversidade étnico-racial, de gênero, sexual, religiosa, de faixa geracional e sociocultural como princípios de equidade" (BRASIL, 2015).

7 "A pessoa intersexual é aquela que nasce com características sexuais, tais como genitais, gônadas e padrões cromossômicos ambíguos, ou seja, que não se encaixam nas noções binárias de corpos masculinos e femininos (BASTOS, 2019, p.40).

nos leva a pensar na quantidade de alunas e alunos com algum grau de intersexualidade estarão em nossas salas de aula e no quanto a Biologia que está presente nos currículos escolares, livros didáticos e salas de aula pode corroborar com a marginalização desses indivíduos que, via de regra, são abordados como “aberrações” nos capítulos que tratam da Embriologia e Genética, tanto nos cursos de formação inicial de professores de Biologia, quanto na Educação Básica. Nesse sentido, levantamos a possibilidade de que os currículos estejam veiculando discursos normativos sobre sexo, gênero e sexualidade no âmbito da formação inicial de professores de Biologia. Tal conclusão é embasada em pesquisas do campo dos estudos de Gênero, Sexualidade e Educação, tais como as de Guacira Lopes Louro, Jane Felipe, Silvana Goellner e Elenita Pinheiro de Queiroz Silva. Nessa perspectiva, “os currículos, de maneira geral, se organizam de forma a naturalizar essas diferenças, além de reforçar a padronização dos corpos, dos gêneros e sexualidades, e a consequente violação às identidades não normativas” (SILVA, 2019, p. 47). Louro, Felipe e Goellner (2013) salientam ainda que os currículos têm colaborado com a padronização dos gêneros e das sexualidades, tornando bizarro tudo aquilo que esteja fora da norma, ou fora dos padrões usualmente adotados como referência.

No que se refere ao termo “*gênero*”, foi observado grande avanço em sua abordagem na reformulação do documento, ficando evidente no PPC novo a articulação desse termo com aspectos que ultrapassam as barreiras do determinismo biológico, possibilitando a docentes e discentes o estabelecimento de discussões que se aproximem das Ciências Sociais, possibilitando-se considerar o gênero como construção social.

Os termos “*Educação Sexual*” e “*Educação para a Sexualidade*” não aparecem em nenhuma das versões do PPC, o que evidencia um possível apagamento de tais temáticas do currículo, que se constitui como uma forma de produção de identidades “normais” e desejáveis por meio das redes de poder que normatizam sujeitos. Para Junqueira (2018), a omissão desses temas nos currículos oficiais é apontada como forma oculta de lgbtfofia e cumplicidade de educadoras e educadores com a violência aos sujeitos com identidades de gênero e sexualidade fora dos padrões normativos de normalidade.

Considerações finais

Apesar de, nesse fragmento da pesquisa, ter-se trabalhado com o PPC como fonte de informação, acreditamos que a análise não deve se limitar

a documentos, mas estender-se às percepções da comunidade acadêmica, envolvendo as diversas instâncias do processo formativo docente. Dessa forma, sinalizamos para a necessidade da continuidade dos estudos relativos a uma temática emergente, tendo em vista que, em “dias de pânico moral, medos e distribuição de violências. [...] em tempos como estes, suscitar o bom-senso, conhecimentos e saberes do lado de quem produz a educação escolar de todo dia, é o nosso grande desafio” (SILVA, 2018, p. 3).

Foi possível identificar que, no processo de reformulação do PPC, houve um movimento do Colegiado e Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso, no sentido de oportunizar uma formação de futuros professores de Biologia que contemple aspectos além das características biológicas dos seres humanos. Nessa perspectiva, concordamos com Silva e Santos (2011),

ao afirmarem que, para adequação da abordagem de uma educação sexual, como proposta pelos PCN's, se faz necessárias mudanças na formação dos profissionais da educação, visto que os mesmos ainda se encontram despreparados diante de tal assunto. É necessária uma formação voltada para o sentido amplo da sexualidade, de forma a abranger todas as questões, extrapolando as influências do contexto cultural e biológico (SILVA; SANTOS, 2011, p. 12).

Os referidos esforços para adequação do PPC do curso à legislação vigente marcam um importante passo para a consolidação de uma formação inicial de docentes de Biologia que compreenda o ser humano além dos aspectos biológicos, considerando-se fatores sociais, culturais e políticos na construção de subjetividades. Os avanços ficaram evidentes em termos de currículo prescrito, no entanto é imprescindível que o que foi planejado, ocorra de fato, para que os objetivos possam ser atingidos, o que tem relação direta com uma lacuna nas pesquisas que articulam ensino de Biologia com gênero e sexualidade (Pinho; Bastos, 2019). Conforme pontuam os autores, “carecem pesquisas dos saberes docentes de professoras universitárias” (PINHO; BASTOS, 2019, p. 93), o que vem como indicativo de que este é um campo de pesquisa emergente e, sobretudo, urgente no contexto da formação docente no país.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad. RETO, L. A.; PINHEIRO, A. São Paulo: Edições 70, 2016.

BASTOS, F. "Eu fico meio sem saber como eu vou falar isso assim, do nada": currículo, diversidade sexual e ensino de Biologia. In: TEIXEIRA, P. P.; OLIVEIRA, R. D. V. L. de; QUEIROZ, G. R. P. C. **Conteúdos cordiais: Biologia Humanizada para uma Escola sem Mordaga**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2019. Cap. 3. p. 34-45.

FAUSTO-STERLING, A. **Sexing the body: gender politics and the construction of sexuality**. New York: Basic Books, 2000.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 18 ed. São Paulo: Graal, 2007. 176 p.

FRANÇA, F. F.; CALSA, G. C. Gênero e sexualidade na formação docente: desafios e possibilidades. **Revista Sociais e Humanas**. V. 24, n.2, 2011, p. 111-120.

FURLANI, J. Educação sexual: quando a articulação de múltiplos discursos possibilita sua inclusão curricular. **Perspectiva**. V. 26, n.1, 2008, p. 283-317.

JUNIOR, E. R. **Educação para as relações étnico-raciais e culturais no ensino superior**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) Centro Universitário Salesiano de São Paulo-UNISAL, São Paulo.

JUNQUEIRA, R. D. A invenção da "ideologia de gênero": a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária anti-gênero. **Revista Psicologia Política**. V. 18, n.43, 2018, p. 449-502.

LOURO, G. L. **Sexualidade, gênero e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9. Petrópolis: Vozes, 2013.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2 ed. Rio de Janeiro: EPU - Editora Pedagógica e Universitária, 2014. 112p.

PINHO, R.; BASTOS, F. Sentidos de sexualidade nos anais dos Encontros Nacionais de Ensino de Biologia (2005-2016). **Ensino Em Re-Vista**. V. 26, n.1, 2019, p. 82-99.

PPC. **Projeto Pedagógico de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí**. Urutaí, GO, outubro, 2015.

PPC. **Projeto Pedagógico de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí**. Urutaí, GO, outubro, 2017. Disponível em: <https://www.ifgoiano.edu.br/home/images/PPC-Licenciatura---Biologia---Urutai--Versao-final-2.pdf>. Acesso em: 04 de setembro de 2019.

RODRIGUES, F. F. S.; COCCO, D. D. A. Sexualidade: conhecendo as representações de professores/as em formação do curso de Ciências biológicas. **Revista GeTeC**. V. 7, n.16, 2018, p. 24-33.

SEFFNER, F. Tem nexa não falar sobre sexo na escola? **Revista Textual**. V. 1, n.25, 2017, p. 22-29.

SILVA, E. L dos S. Entre silenciamentos e invisibilidades: ausência de discussões curriculares e políticas institucionais de gênero e sexualidade na universidade. **Revista Diversidade e Educação**. V. 7, n.1, 2019, p. 39-63.

SILVA, E, P. de Q. Prefácio. In: SANTOS, W. B.; FALEIRO, W.; SANTANNA, T.; DIAS,

W. **O masculino e o feminino na escola: as contradições da norma e da forma discursivamente impostas**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2018, p. 1-3.

SILVA, L. M. M. e; SANTOS, S. P. Sexualidade e formação docente: representações de futuros professores/as de Ciências e Biologia. In: **VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – ENPEC**. Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. Campinas, SP, 2011.

SOUZA, J. F. Do amor (ou de como glamourizar a vida): apontamentos em torno de uma educação para a sexualidade. In: RIBEIRO, P. R. C.; SILVA, M. R. S. da; SOUZA, N. G. S.; GOELLNER, S. V.; SOUZA, J. F. (Orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade: Discutindo Práticas Educativas**. Rio Grande: Ed. FURG, 2007. p. 31-45.

VIANNA, C. M.. Gênero, sexualidade e políticas públicas de educação: um diálogo com a produção acadêmica. **Pro-Posições**. V. 23, n.2, 2012, p. 127-143.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 43-104.